

Trabalhando com GRUPOS no SUAS



Ana Pincolini
Educação Permanente no Suas



Facilitadora



**SABERES QUE SE
TRANSFORMAM EM PRÁTICAS**

Formação:

Psicóloga pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2004)
Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2012)

Experiência profissional:

Psicóloga clínica (consultório): 2005 a 2008

Atuação em prefeituras:

Saúde, educação e assistência social: 2005 a 2006

SUS (Centro de Atenção Psicossocial CAPS): 2007 a 2008

Suas (Cras, Creas, Direção de PSE, Direção Gestão do Suas)

Experiência docente:

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG)

Educação permanente:

Ana Pincolini - Educação Permanente no Suas

Canal SUAS Conversas



Moreira (2019) sugere tomar os desafios presentes em nosso trabalho como objeto de reflexão teórica. Seguindo a sugestão do autor, vamos colocar como objeto de reflexão teórica os seguintes desafios, extraídos do cotidiano do Suas:

a) Organizar o processo de trabalho dos Cras e Creas, não em uma lógica mecanicista de “linha de montagem”, mas na resistência à lógica da ajuda, da desprofissionalização e da emergência/resposta reativa.

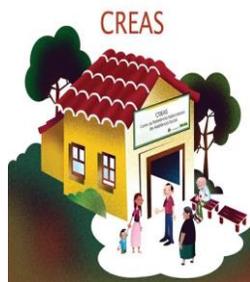
b) Qualificar o que acontece “dentro da salinha”, seja lá qual for o setting que essa “salinha” representa.

Esse curso se inscreve nesse segundo desafio.

Quem vai nos acompanhar?



E mais esses velhos conhecidos:



Que itinerário vamos percorrer?

- 1. Grupos: produções recentes – mas nem tanto - do serviço social e da psicologia**
- 2. Princípios gerais de teorias de grupos**
- 3. Ferramentas para trabalhar com grupos**





“Quando penso em grupo no Suas, imagino pessoas embaixo de uma grande árvore numa tarde de sol, nos fundos de algum Cras Brasil afora.

É um dia quente de dezembro, um mormaço quebrado de vez em quando por um vento fresco, que torna a tarde agradável apesar do calor. As pessoas estão sentadas em círculo, no centro do qual repousam uma jarra de suco gelado, fatias de bolo e laranjas.

Existe calor e afeto em meio à conversa, mas também se fala de problemas e se aprende sobre eles.

É um acolhimento de muitas histórias: encontro transformador e produtor de sentido. Isso faz o grupo: um acontecer no tempo, no vínculo e na memória, janela sempre aberta para novos significados entrarem e velhas crenças passarem para o esquecimento”.

Pincolini, A.M.F. (2022)

Uma conversa... ...sobre grupos

O que **MOVE** o Suas na direção do grupo?

O que **TRAVA** o Suas na direção do grupo?



O que MOVE o Suas na direção do GRUPO?

A importância, apontada na PNAS, de **coletivizar** as demandas e **superar o familismo**

A diretriz de **fortalecer vínculos familiares e comunitários**

A diretriz de possibilitar **autonomia e vocalização** de demandas dos **territórios**

A diretriz de ampliar os graus de **participação social**:

Está informado...

Emitir opinião...

Influenciar decisões...

A identificação e fortalecimento de potencialidades

A potencialização de aquisições relacionais

O que **TRAVA** o Suas na direção do grupo?

Será que é por que no Suas **DEVEMOS** fazer grupos?

Para muitas pessoas, fazer grupos no Suas como um “dever ingrato” no sentido negativo, uma “obrigação” por pressão da gestão. Essa associação pesada parece “travar” o Suas na direção dos grupos.

Ou será que temos aí:

Inexperiência com a condução de grupos e pouca ancoragem teórica nessa temática;

Experiências anteriores frustradas com grupos;

Significado de desqualificação do grupo em relação às intervenções particularizadas (“captura” pelo modelo liberal individualizante, como se somente ele tivesse valor).



Por que o tema GRUPOS ainda gera dúvidas?

Quais as dificuldades?

Insegurança teórica: percepção de que não está preparado ou não teve muito contato com o tema durante a graduação?

Insegurança prática: estudou a teoria, mas não teve experiências anteriores na condução de grupos?

Sensação de perda do controle dos acontecimentos grupais: receio em relação aos emergentes grupais?

Ou será ele?



Quem é
você?

Eu Sou o
FANTASMÃO



Que
fantasmão?



O Fantasmão
da NÃO
ADESÃO!



E se as famílias não aderirem?



**Antes de tudo, temos que OFERTAR.
A adesão começa pela oferta.
Por isso, vamos pensar como fazer
essa oferta.**



Quando **NÃO** fazer grupos

Pereira e Sawaia (2020) listam situações que “contraindicam” a leitura do próprio livro.

Tais situações são as mesmas que contraindicam a realização de grupos.

Dizem as autoras: “*não leia esse livro se...*”

Por analogia, NÃO propor grupos no Cras/Creas quando se:

- considera que o objetivo do trabalho com grupos é reduzir a fila de espera, economizar tempo ou aumentar a “produtividade”;
- acredita que, por ser um espaço coletivo, por si só, o grupo é um espaço de troca, socialização, convívio, coletividade, interação e basta colocar pessoas juntas para conversar, sem planejamento e cuidado nas mediações, que se constituirá automaticamente o grupo;
- acredita que o atendimento/acompanhamento individual é melhor que o atendimento/acompanhamento em grupo.



As autoras observaram que muitos grupos têm se tornado apêndices do serviço: quando não se tem nada planejado ou não se sabe o que fazer na rotina, organiza-se um grupo. Nas palavras das autoras:

“Não é aceitável que se chegue ao serviço e, em não sabendo o que fazer, decida na hora fazer um grupo. E, dessa forma, esses profissionais criticam aqueles que não aderem ao serviço, aqueles que não participam ativamente, aqueles que não se dispõem e não enxergam que não planejaram o grupo, porque simplesmente não acreditam na potencialidade dele. Não acreditam que seja de fato um trabalho tão importante quanto qualquer outra intervenção”

(Pereira & Sawaia, 2020, p.21).

Grupos e serviço social

Moreira (2019) realizou pesquisa de campo investigando como os aportes teóricos do serviço social se expressam nas experiências práticas dos profissionais.

Interessou-se pelos motivos principais que levam assistentes sociais a optarem por atuar com grupos, as formas que conduzem o trabalho e os resultados obtidos.

O material foram experiências de assistentes sociais em escolas do RJ.

O objetivo foi se debruçar no trabalho com grupos como opção político-profissional, nas tensões próprias das relações interdisciplinares e nas dinâmicas de grupo enquanto veículos de reflexão crítica.





O autor discute como o trabalho com grupos vêm se transformando ao longo da história profissional do serviço social e aponta as influências teóricas e políticas que o modelaram.

Discute a compreensão pedagógica do trabalho do assistente social ao atuar com grupos e o seu potencial político frente às expressões da questão social.

A revisão sobre grupos e serviço social que fizemos nesse curso é baseada nessa obra.

Antecedentes

O trabalho com grupos é uma prática inerente à cultura profissional do assistente social que está presente no trabalho de campo desde o início da profissão.

Mesmo após as mudanças pelas quais o serviço social passou, em especial o movimento de **reconceituação**, este instrumento continua ocupando um importante lugar no arsenal técnico-operativo dos profissionais.



A produção de Gisela Konopka

No debate sobre grupos no Serviço Social, **Gisela Konopka** é uma referência histórica. Nascida em Berlim, em 1910, de ascendência judaica e militante do movimento operário, formou-se em filosofia, pedagogia, psicologia e história. Combateu o nazismo e foi presa.

Após sua libertação, foi para os EUA onde estudou serviço social.

Em sua época, o serviço social estadunidense era marcado pelo funcionalismo (em certa medida ainda é) e a profissão era pensada em uma perspectiva conservadora. Ou seja: uma boa assistente social era aquela que tinha como qualidade o equilíbrio psicoafetivo de modo a eliminar conflitos sociais.

O exercício profissional era pensado na linha da neutralidade, era tecnicista e de viés adaptativo.

No serviço social de grupo, onde Gisela atuou, prevalecia a adaptação do indivíduo ao meio, com forte influência psicologizante. Até o início dos anos 1960, a característica do serviço social de grupo era a **intervenção individualizada dentro do grupo**.

Gisela confronta esse traço hegemônico ao dizer que assistente social de grupo não estabelece relacionamentos com as pessoas individualmente: *“cria uma atmosfera de confiança e intercâmbio com todo o grupo”* e *“faz parte da habilidade de discussão de grupo incluir todos e, no entanto, não forçar ninguém a participar de modo que o deixe pouco à vontade”*.

Contraditoriamente, Gisela também dizia que *“tratava-se de um trabalho individualizado com os membros do grupo, no grupo e através dele”*.

Ou seja: Para Moreira (2019):

O passado do serviço social não é monoliticamente conservador.

Modernização conservadora (Netto, 1996)

O período compreendido entre 1963 e 1967 é um momento de transição para o serviço social.

Ao mesmo tempo, são amplamente utilizadas estratégias que valorizavam a dimensão lúdica do convívio social (jogos, festas, piqueniques) e são sentidas as primeiras influências da pedagogia da participação.

Anos 1970: a influência de Kurt Lewin

Nos anos 1970, a reflexão sobre dinâmica de grupo esteve em pauta no ensino do serviço social, tendo como base a teoria de Kurt Lewin. De acordo com o autor, a partir do momento em que três ou mais pessoas se comunicam e trocam informações, há uma dinâmica.

A dinâmica do grupo **é o seu movimento**.

Em 1977, ações semelhantes com as atuais dinâmicas de grupo passaram a ser chamadas de “**técnicas**”. As “técnicas” eram conceituadas como “**meios auxiliares de processos de grupos**” e utilizadas com a finalidade de estimular processos mentais que facilitassem a tomada de decisão, favorecendo o processo do grupo.

Naquele contexto, o trabalho do assistente social tinha uma **perspectiva pedagógica** e pretendia compreender os fenômenos sociais por parte dos membros do grupo e, principalmente, **ensinar às pessoas novos comportamentos através da vivência**.

O objetivo da intervenção ainda visava muito os indivíduos, embora já se pensassem as técnicas como disparadores tanto para aproveitar e aprender com a vivência social das outras pessoas quanto para refletir sobre assuntos complexos e controvertidos.

Influências contra hegemônicas

Os movimentos institucionalista e grupalista consistiam em influências contra hegemônicas.

Essas correntes questionavam os tratamentos tradicionais na área da saúde mental e na educação e fundaram disciplinas como a psicoterapia institucional e a pedagogia institucional.

A corrente francesa da análise institucional (Lapassade, Lourau e Guattari) produziu referências críticas sobre as concepções de grupos. Esses autores consideravam a perspectiva histórico-política e a dimensão organizacional como atravessamentos institucionais.

Fases do trabalho com grupos no serviço social (Torres, 1977, apud Moreira, 2019)

1955-1962: “Ajuda psicossocial individualizada”: adequada aos traços do serviço social tradicional, visão psicologista da questão social. Foco no desenvolvimento de habilidades manuais voltadas para capacitação de mão de obra (costura, bordado, culinária).

1963-1967: perspectiva profissional conhecida como modernização conservadora (Netto, 1996). Momento de transição, com as primeiras influências da pedagogia da participação e o uso de estratégias que valorizavam a dimensão lúdica (jogos, festas e piqueniques), demonstrando preocupação com a interação social.

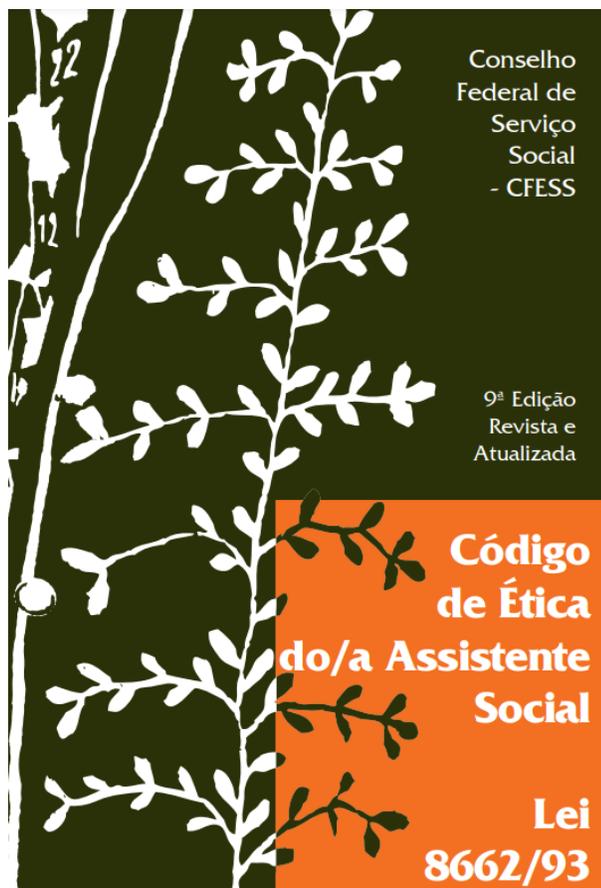
A partir de 1968: as ações conhecidas como dinâmicas de grupo (chamadas por vezes de “técnicas”) passaram a ganhar status de atividades que tinham por objetivo facilitar reflexões e diálogo sobre assuntos complexos e controvertidos e contribuir para a melhor compreensão e aproveitamento da vivência social do outro.

Se, em sua gênese, a cultura profissional do serviço social apresentava fortes compromissos com os interesses dominantes, a partir dos anos 1980, a profissão teve no seu interior uma hegemonia que se chocou frontalmente com seu passado conservador.

Moreira (2019) destaca que o Serviço social foi uma das primeiras profissões a reconhecer que os grupos podem ser orientados de forma a obter modificações em seus participantes. No entanto, mesmo para assistentes sociais de grupo, durante muito tempo, o trabalho nessa metodologia sempre **visava como fim o indivíduo**, independentemente das ações realizadas.

Essa é uma das diferenças fundamentais com essa demanda hoje, tal como apresentada no código de ética e na lei de regulamentação:

Código de ética do serviço social:

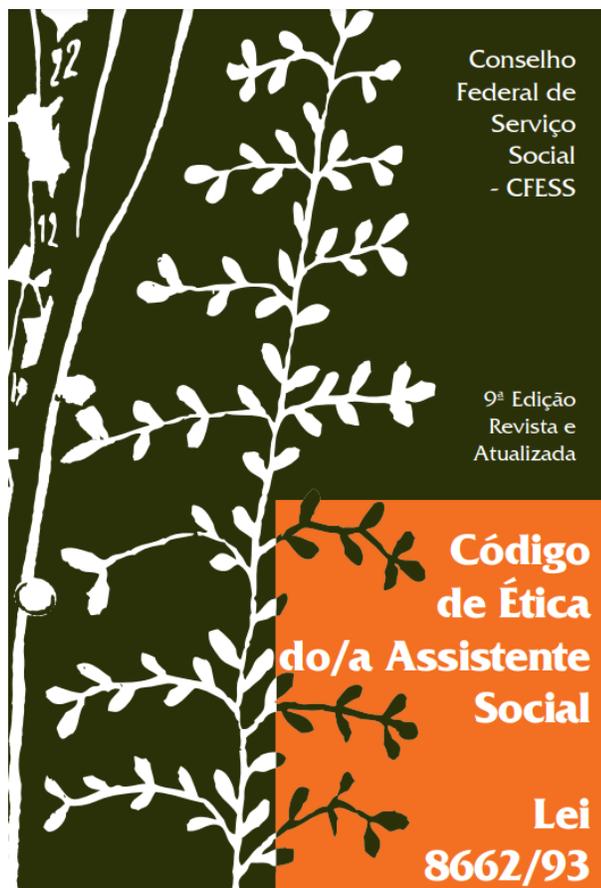


Art.12 Constituem direitos do/a assistente social:

b- apoiar e/ou participar dos movimentos sociais e organizações populares vinculados à luta pela consolidação e ampliação da democracia e dos direitos de cidadania.

i- liberdade na realização de seus estudos e pesquisas, resguardados os direitos de participação de indivíduos ou grupos envolvidos em seus trabalhos.

Lei de regulamentação do serviço social:



Art. 4º Constituem competências do assistente social:

- III - encaminhar providências, e **prestar orientação social** a indivíduos, **grupos** e à população;
- V - **orientar** indivíduos e **grupos** de diferentes segmentos sociais no sentido de **identificar recursos** e de fazer uso dos mesmos no atendimento e na defesa de seus direitos;
- IX - **prestar assessoria e apoio aos movimentos sociais** em matéria relacionada às políticas sociais, no **exercício e na defesa dos direitos civis, políticos e sociais da coletividade.**

Em seu livro, o autor convida a mergulhar nas “*águas ainda insuficientemente exploradas da corrente crítica do serviço social*” (p. 38) e contribuir com o debate para o adensamento de bases crítico-dialéticas sobre o trabalho interventivo do assistente social.

Nas palavras do autor:

“as transformações teórico culturais ocorridas no serviço social ao longo de seu processo sócio-histórico trouxeram mudanças radicais de ordem teórico metodológica e ético-política na profissão, mas não tão profundas no que diz respeito aos seus aportes teórico-operativos.”

(Moreira, 2019, p. 70) [grifo nosso]

De acordo com ele, a teoria social crítica não se propõe a oferecer uma “receita de bolo” sobre como trabalhar a partir de bases marxistas, mas permite pensar instrumentos e técnicas de forma crítico-dialética.

Não é a escolha do instrumental profissional que determina a direção política do fazer profissional. Não se atribui à técnica ou ao instrumento utilizado o sentido político da intervenção profissional, mas sim aos referenciais teórico-metodológicos e ético-políticos em que os profissionais se baseiam” (Moreira, 2019, p. 27).

= Não basta fazer grupos, é preciso definir o referencial teórico e o compromisso ético-político que norteará esses grupos. Podem ser utilizadas inúmeras técnicas e estratégias, mas elas devem ser pensadas dentro do referencial teórico do serviço social.

Por exemplo:

se, no antigo “serviço social de grupo”, o círculo tinha uma função voltada para o campo emocional e a organização da sala em círculo estava ligada com todos se verem e se sentirem à vontade, atualmente, organizar a sala sem um lugar de destaque tem a ver com a horizontalidade, com a disposição de não hierarquizar relações interpessoais e o saber no grupo.

A disposição das cadeiras é a mesma, mas o embasamento que justifica essa organização do espaço é outro.

NOVOS e ANTIGOS ERROS na condução dos grupos (Moreira, 2019):

- Usar o trabalho com grupos numa perspectiva autoritária, moralista, visando policiamento de comportamentos e ajuste/adequação ao *status quo* = retorno ao passado conservador
- Resumir o trabalho com grupos ao repasse de informações, sem o compromisso com a dimensão técnico-reflexiva. = palestra, campanhas coloridas acríticas.





Conforme o autor:

“O papel político pedagógico do fazer profissional deve ser explorado no trabalho com grupos. Se o objetivo se resumir à socialização burocrática de informações sobre direitos e rotinas institucionais, um cartaz ou folder bem elaborado tem quase o mesmo efeito e toma menos tempo da população usuária.” (Moreira, 2019, p.14).

Armadilhas dos manuais e cartilhas (Moreira, 2019):

- A **ideologia do gerenciamento empresarial nas políticas públicas** é uma característica do neoliberalismo que está cada vez mais presente nos espaços sócio-ocupacionais dos assistentes sociais.
- Ela se caracteriza pela ênfase em uma racionalização e homogeneização de procedimentos operativos nas áreas da saúde, educação e assistência social.
- Não raramente, cartilhas e manuais são distribuídos para orientar o trabalho de assistentes sociais dentro dessa lógica gerencial.
- No entanto, se **é equivocado limitar-se a esses documentos, também é equivocado ignorá-los completamente.**



Ou seja:

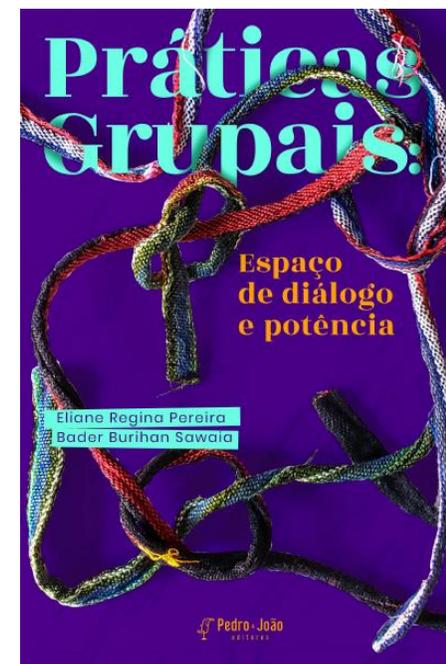
cabe ao assistente social analisar como trabalhar com os manuais e cartilhas sem abdicar dos objetivos do serviço social na instituição, considerando sua ampla autonomia pedagógica na condução dos grupos e no modo como as temáticas são abordadas teoricamente.

Os materiais são como um mapa, mas o caminho percorrido cabe ao profissional decidir, sempre ampliando o ponto de chegada e adequando ao seu compromisso ético-político.

Grupos e psicologia

O trabalho com grupos é uma prática inerente à cultura profissional da psicologia, com destaque para as produções dos anos 1970.

Nesse curso, utilizaremos uma produção recente sobre grupos, mas que retoma contribuições de autores do passado e nos convida a utilizar tais contribuições de forma criativa e adequada ao contexto atual. A obra ao lado será nossa companhia e fio condutor sobre grupos e psicologia.



Antecedentes

Importantes influências são os portugueses Joaquim Maria Quintino Aires e Maria Rita Leal e o cubano Fernando L. González Rey, com discussões sobre a clínica; os norte-americanos Lois Holzman e Fred Newman, o salvadorenho Martin-Baró e o russo Arthur Petrovski, com discussões sobre processos grupais, e, com maior difusão em nosso meio, a brasileira **Silvia Lane** e o argentino-suíço Henrique **Pichón-Riviére**.

O movimento grupalista, a análise institucional e os escritos de Luria, Leontiev e Vigotski também são referências para pensar a atuação com grupos, em especial, na psicologia social.

- Sílvia Lane, uma das principais autoras da psicologia social, explica que, na América Latina, só no final da década de 70 é que foi possível construir uma psicologia social e uma proposta de análise das relações grupais “em bases materialistas-históricas e voltadas para trabalhos comunitários” (Lane, 2001, p. 11).
- Inicialmente, ela baseou suas pesquisas em Kurt Lewin, acrescentando a isso análises de Pichon-Rivière. No entanto, no fim dos anos 1970, passa a estudar mais profundamente as teorias histórico-dialéticas e a investir em uma compreensão de grupos com base nas análises de Martin-Baró.

- Com base na perspectiva materialista-histórica, a autora passa a defender que não se trata de “grupo” como instância fechada e naturalizada, mas de “**processo grupal**”, o que exige de quem analisa um grupo a compreensão do contexto social no qual ele se constituiu, suas “determinações econômicas, institucionais e ideológicas”, sendo, portanto, **uma análise de processo**.
- O encontro com Martin-Baró e seu livro “Sistema, Grupo y Poder” foi fundamental no processo de pesquisa de Silvia Lane.
- **Identidade, poder e significado social** passam a ser conceitos importantes para o estudo dos grupos.

Identidade, poder e significação social

- À medida que o grupo vai travando contatos, vínculos e relações com outros grupos da sociedade, vão sendo criadas normas para orientar as atividades rotineiras, que dão a referência de estar pertencendo ou estar sendo excluído de um segmento social.
- A **identidade de um grupo** não é estática, nem identifica a todos os integrantes igualmente, mas seu movimento permite compreender como as relações se estabelecem.

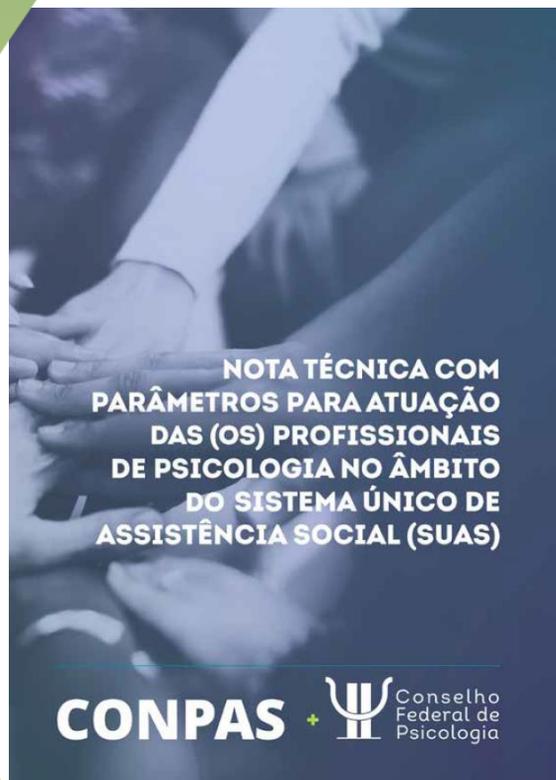
Identidade, poder e significação social

- Além da identidade, é importante também compreender as relações de **poder** nos grupos, tanto as relações internas quanto as externas ao grupo. As relações de poder passam a definir os papéis que cada membro exerce, entendendo que o poder de um grupo precisa ser examinado como situação singular, sempre contextualizada.
- Por fim, a **significação social** do grupo é importante para sua manutenção e sobrevivência. O objetivo e a atividade do grupo unem os membros, mas o que os mantém vinculados é o significado social que esse grupo tem para os participantes.

- No grupo, os sujeitos descobrem-se iguais, uma vez que pertencem a um mesmo contexto histórico, mas também descobrem-se diferentes uns dos outros.
- É preciso resgatar a individualidade, é preciso que “um olhe para o outro e reconheça a sua individualidade através das diferenças existentes entre eles” (Lane, 1998, 2001), para que o grupo se forme em torno do comum.
- No entanto, o grupo é **mediação entre o individual e o social**, que é condição necessária para se compreender as **determinações sociais que atuam sobre os sujeitos**.
- Toda transformação social só acontece quando os sujeitos se agrupam: o grupo é espaço para **identificação e diferenciação**.

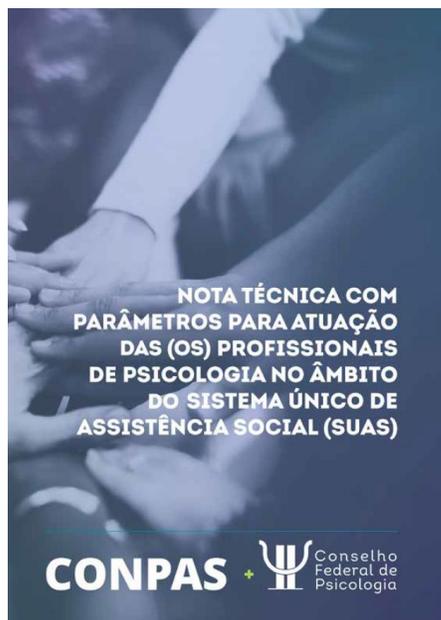
- Para análise dos grupos e dos sujeitos inseridos nesses grupos, Lane (2001) propõe algumas diretrizes:
 - a) compreensão de que **todo sujeito é um ser alienado**, portanto, sua consciência está desencontrada das determinações que a produziram.
 - b) **todo grupo está inserido em uma instituição**, que precisa ser compreendida em termos de objetivos, relações de poder, funções, significado social.
 - c) **todos os sujeitos têm uma história de vida** que precisa ser resgatada e que aparece nos papéis sociais que assumem no decorrer do grupo.
 - d) análise da **realidade objetiva**.

A psicologia no Suas e os grupos:



32) Por meio da utilização de estratégias de trabalhos com grupos, a psicóloga e o psicólogo podem **oportunizar a expressão e elaboração de demandas que perpassam e interferem na vida dos usuários e famílias atendidas e, a partir disto, identificar possibilidades de encaminhamentos de demandas de forma coletiva, ou através de atendimentos particularizados.**

33) A coletivização de demandas por meio do trabalho com grupos tem por **objetivo facilitar os processos de reflexões pessoais, interpessoais e participação,** integrando o grupo e estabelecendo vínculos de afetividade e respeito mútuo. Além de valorizar os conhecimentos, vivências e significados dos participantes, envolve-os na discussão, pela identificação e busca de soluções para problemas que emergem em suas vidas cotidianas. Psicólogas e psicólogos têm uma contribuição significativa no manejo das atividades coletivas, pois a Psicologia oferece conteúdos e técnicas para esse tipo de atividade.



35) Inúmeras vezes o trabalho com as comunidades e grupos vai apontar a demanda de ações que extrapolam os recursos disponíveis e possíveis no território. Psicólogas e psicólogos devem atuar para além de encaminhamentos, por meio da perspectiva do atendimento integral, em rede e com compartilhamento de responsabilidades. **A organização de ações políticas participativas é necessária, bem como a mobilização dos sujeitos de direitos para lutarem por seus objetivos e direitos, de acordo com as demandas identificadas.** Esta também é uma das formas de fortalecer vínculos, de potencializar a função protetiva das famílias, que é garantir que estas tenham as condições e recursos necessários para protegerem seus membros.

As ações coletivas no Suas

A previsão de atividades coletivas nos documentos de orientação técnica DENOTA:

O reconhecimento dos grupos como como ferramenta de trabalho e prática de cuidado.

O reconhecimento dos fenômenos grupais enquanto dispositivos facilitadores da autonomia do empoderamento de usuários, famílias e comunidades.

Fazer grupos é ter intencionalidade, é prática de cuidado, é ferramenta de trabalho (Pereira & Sawaia, 2020, p.21).